

XIMBICA

* Roberto Rodrigues

Pequenos vilarejos do interior têm sempre suas figuras típicas, especiais, que vão ficando famosas por suas características. Lá em Cruz Branca do Meio tinha uma meia dúzia destes tipos inesquecíveis, que fizeram história com suas observações ou seu jeito de ser. Ximbica era um desses sujeitos que ninguém sabia como vivia; isto é, como poderia viver daquela maneira, sem fazer absolutamente nada: sempre com a mesma calça caqui, camisa azul de algodão, botina marrom com um buraco em cada sola, sem meia e sem mais nada. Nunca trabalhou, mas era tão alegre e divertido, que todo mundo lhe pagava um sanduíche e alimentava seu vício tabagista oferecendo cigarros a toda hora. Levava a vida com o salário da mulher, pobre professorinha rural que passava o ano dando aulas nos sítios e fazendas dos arredores da vila. E o Ximbica pelas esquinas, pelos bares, sempre brincando com todo mundo, era uma alegria permanente. E um gozador sem tamanho.

Um dos seus melhores amigos era o Bigode, único barbeiro da vila. Eram tão poucos os seus fregueses, que costumava ficar num boteco em frente à barbearia, papeando. E quando algum desavisado – em geral visitante com tempo sobrando – entrava no salão, atravessava a rua em 3 tempos e fazia o serviço.

Certa feita, Ximbica chegou à barbearia e viu que o Bigode já estava no boteco. Como quem não queria nada, entrou no salãozinho e despejou a pólvora de cinco cartuchos de espingarda na lata cheia de areia onde os fregueses jogavam as bitucas de cigarros. Assobiando, misturou a pólvora com a areia e foi para o bar. Logo depois, procurando o Bigode, chegou um vendedor que resolveu cortar o cabelo, fumando seu poderoso Coliseu, marca de cigarro apelidado de rompe-peito. Sentou-se à cadeira, deu a última baforada e jogou a guimba na lata de areia. Pummmmm! Uma explosão e tanto encheu a barbearia de fumaça e o vendedor de pó. Bigode, então, queria mesmo era esganar o Ximbica, que logo adivinhou ser o autor da façanha.

Em outro dia estavam os 2 no bar quando viram chegando o Portuga, vaidoso vereador do Meio, sempre metido a ser mais do que era. E pior: mentia que nem sentia.

Ximbica cochichou ao Bigode: “vou fazer o Portuga mentir.” E o Bigode: “como?”

Quando, o vereador entrou no boteco, o Ximbica foi rápido:

- “E aí, Portuga, então você vai mesmo ser o novo prefeito?”

O Portuga esfregou o peito, abriu um sorriso enorme e desferiu:

- “Ah, mas a notícia já correu? Que chato! Eu falei para o governador que não aceitava de jeito nenhum!”

Mas mesmo levando a vida na flauta, até o Ximbica tinha seus problemas. Aliás, seu problema, porque era um único: seu pai, o velho Ari.

Perto dos 75, Ari andava meio gagá, e toda tarde, crente que estava disfarçando, dava um pulinho na zona, um pobre casebre com apenas duas moças da vida, miseráveis, a uns 300 metros ao norte e fora da vila, estradinha

de terra, atrás de um eucaliptal. Todo mundo sabia, e aquela era a tristeza do Ximbica. Tentou várias vezes dar um flagrante no pai, mas nunca conseguiu: o velho Ari, que já tinha o apelido de Arizona por causa do seu vício, era gagá mas não era bobo, e se esquivava toda vez. Até que um dia o Ximbica levou a sério e se escondeu na zona desde cedo, esperando o pai chegar. Lá pelas 3 da tarde, o velho Ari chegou faceiro com sua bengalinha. Mal entrou, o Ximbica saiu do quarto e gritou: “aí, pai, e agora?”

E o Arizona, no ato:

- “Ah até que enfim te peguei seu cafajeste, moleque ordinário, já pra casa, seu vagabundo, você tem mulher... ah, meu Deus, como corrigir esta molecada de hoje?” ...

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**